

Idosos “roqueiros” e juventude eterna: pistas para reflexão

Elderly “rockers” and eternal youth: preliminary reflections

Mariana Piccoli
Andrea Lopes
José Renato Campos Araújo
Bibiana Graeff

RESUMO: Neste artigo, fruto de pesquisa exploratória e qualitativa, buscou-se desenvolver uma discussão sobre rock, juventude, velhice e sua relação com os estereótipos negativos vinculados ao “ser velho” e ao “ser roqueiro”. Através de entrevistas individuais apoiadas em roteiros semiestruturados, coletaram-se percepções de quatro idosos (60 anos ou mais), residentes em São Paulo e que se consideram roqueiros, sobre questões vinculadas ao rock enquanto estilo de vida e movimento sociocultural originariamente “jovem”. Investigou-se também como essas pessoas lidam com o mito de “eterna juventude”, característico de algumas manifestações da cultura roqueira e do imaginário geral em torno do combate à velhice. Em relação à velhice, os quatro participantes entrevistados apontam aspectos negativos (limitações físicas) e positivos (maturidade e experiência de vida). Se, por um lado, afirmam nunca ter tido um desejo de eterna juventude, por outro lado, nunca deixaram de se sentir jovens, pois se consideram, em sua maioria, jovens no espírito. Entendem, assim, que, embora a juventude seja uma etapa cronológica passageira, pode também se manifestar, se a pessoa quiser, como um estado de espírito permanente. Embora não sejam músicos, veem-se como roqueiros por gostarem do gênero musical, por terem vivenciado há muito tempo o rock e terem memórias relacionadas à cultura roqueira, mas também por socializarem em torno do rock, seja como forma de lazer, seja nas relações familiares. Todos são categóricos ao afirmarem que o rock, hoje, é para todas as idades. Em conclusão, se por um lado, de um

Piccoli, M., Lopes, A., Araújo, J. R. C. & Graeff, B. (2012, dezembro). Idosos “roqueiros” e juventude eterna: pistas para reflexão. *Revista Kairós-Gerontologia*, 15(N. Especial 26, “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”, pp.291-312. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567.

São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

modo geral, os entrevistados relatam uma negação de um desejo de eterna juventude, por outro lado, não se consideram, em sua maioria, uma pessoa idosa, o que pode parecer paradoxal. Abrem-se novas pistas investigativas, tais como: seria o sentimento de “juventude no espírito” mais frequente em idosos que se dizem roqueiros? E se estivéssemos lidando com roqueiros músicos profissionais, os sentimentos com relação à juventude e à velhice seriam os mesmos dos roqueiros não profissionais?

Palavras-chave: Idosos; Roqueiros; Rock; Eterna Juventude; Juventude.

ABSTRACT: *This exploratory and qualitative research seeks to develop a discussion about rock, youth and elderly and their relation to negative stereotypes regarding “being old” and “being a rocker”. Four São Paulo natives over 60 years old who consider themselves “rockers” shared their perceptions from individual, semi-structured interviews based on their “rock and roll” lifestyle and this social and cultural movement originally classified for youths. This study also investigated how they deal with the desire of “eternal youth”, common in some rock and roll culture manifestations and general conceptions around the struggle against aging. In the respect of elderliness, the four participants pointed out negative aspects, such as physical limitations, and positive aspects, as such as maturity and life experience. On one hand, they affirm that they had never had a desire for eternal youth, yet on the other hand, they also had never stopped feeling young because they consider themselves youthful spirits. Then, they consider that even if youth is a chronological and passing stage, it can also be, if one decides, a permanent, spiritual state. Despite the fact that they are not musicians, they see themselves as “rockers” because they like that genre of music or because they had lived the majority of their lives in the rock era and have memories related to this culture. Another reason was the fact of one can have his/her social life revolving around rock, including in family relationships. They all are categorically affirming that nowadays rock is for all ages. In conclusion, the interviewees denied the desire for eternal youth, however they did not consider themselves elders, which appears to be a paradox. These results lead us to consider new questions such as: would the feeling of “youthful spirit” be more frequent in elders who consider themselves as rockers? If we were dealing with professional rock musicians, would their feelings about youth and old age be different from those of the non-professional rockers?*

Keywords: *Elderly; Rockers; Rock; Eternal Youth; Youth.*

Introdução

“[...] Hope I die before I get old (talking about my generation)” The Who, *Talking about my generation*¹.

Em meados do século XX, o rock nasce enquanto um movimento sociocultural jovem; hoje, os roqueiros das primeiras gerações, músicos ou não, tornaram-se velhos. Se a cultura roqueira cantou as virtudes e vantagens da juventude, chegando, por vezes a clamar pela eterna juventude, como se sente um idoso que se considera roqueiro e como ele percebe as relações entre o rock, a juventude e a velhice?²

O século XX, como destaca Ramos (2009), assistiu à emergência do jovem enquanto ator social. Isso se deve sobretudo ao fenômeno demográfico que ocorreu nos Estados Unidos da América (EUA) durante o período do pós-Segunda Guerra, que ficou conhecido como “baby-boom”. Ainda nos EUA da década de 1950 surge um gênero musical intitulado *Rock’n Roll*, que, nas palavras de Brandão e Duarte (1995), efetiva o nascimento de uma cultura jovem. Isso porque, apesar de o rock ser absolutamente diversificado³, foi a partir dele que “o mundo passou a assistir às profundas mudanças emergidas nos sujeitos sociais juvenis que o aderiram”, que “daquele momento em diante, passariam a não aceitar mais viver à sombra de seus pais ou de modelos sociais pré-estabelecidos, como costumava ser até então” (Ramos, 2009, p. 5).

Muito embora o “roqueiro” possa ser associado a certos rótulos relacionados à aparência (roupas despojadas, tatuagens) ou ainda ao comportamento (farra, uso de drogas, ou vida intensa), ou seja, com um determinado estilo de vida que extrapola a preferência musical, existem roqueiros com realidades muito distintas. Em primeiro

¹ The Who, *Talking about my generation*. In: *My Generation*. Vinyl Record, 1965.

² Esse questionamento, ponto de partida da presente pesquisa, é também levantado por Joe Boyd, produtor de gravação que trabalhou com artistas como Jimi Hendrix e R.M.E., quando, citando a epígrafe que escolhemos para o presente artigo, suscita a seguinte provocação: “ainda cantamos ‘eu espero morrer antes de ficar velho’, 32 anos após isso ser gravado [...]. E agora que estamos velhos? O que acontece?” (tradução nossa). In: Rodley, Chris. *Forever Young: How Rock ‘n’ Roll Grew Up*. [documentário de televisão]. Direção de Chris Rodley. BBC four, 2010.

³ Nas palavras de Chacon (1983, p.5), o universo do rock se desprende da pretensão de ser definido por se tratar de algo “absurdamente polimorfo[...] que parece variar mais no tempo e no espaço do que o fazia, por exemplo, o barroco na Idade Moderna”.

lugar, se o próprio rock é polimorfo, como acima mencionado, podemos afirmar que há grupos não menos heterogêneos que se organizam em torno desse movimento. Em segundo lugar, cada ser humano é único em sua complexidade, com percurso, cultura e características próprias.

Assim como o rock, a velhice também é objeto de diversos estereótipos negativos. Muitos destes, quando associados àqueles que são construídos com relação aos roqueiros, podem erroneamente conduzir à ideia de que o “ser idoso” seja inconciliável com o “ser roqueiro”. Contudo nosso objeto de estudo, os idosos que se dizem “roqueiros” encarnam essa realidade: tornaram-se velhos, e nem por isso deixaram de vivenciar (cada um à sua maneira, segundo a sua percepção) o rock. Como eles veem a velhice e a juventude em sua relação com o rock?

O presente artigo aborda essa temática com base em uma investigação exploratória de natureza qualitativa realizada para o trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Gerontologia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, intitulado: “Rock, juventude e velhice: percepções de não roqueiros idosos em São Paulo”, defendido em fevereiro de 2013, por Mariana Piccoli. Tratou-se de pesquisa bibliográfica e documental, inicialmente focada em periódicos nacionais na área da Gerontologia, com os termos “idoso”, “velhice”, “envelhecimento”, “rock”, “roqueiro”; na medida em que esse primeiro levantamento não gerou resultados, ampliou-se e flexibilizou-se a busca, isolando os termos “rock” e “roqueiro”. Alguns trabalhos acadêmicos e jornalísticos puderam assim fornecer bases para uma revisão sobre as origens do rock, no mundo e no Brasil. Além dessa pesquisa, realizaram-se entrevistas a partir de um roteiro semiestruturado com idosos (segundo o critério etário de 60 anos ou mais, posto pela legislação brasileira), residentes em São Paulo e que se consideram roqueiros. Os participantes foram selecionados de maneira voluntária, aleatória e por conveniência. Um fôlder foi desenvolvido para atrair os potenciais participantes da pesquisa, sendo posteriormente divulgado em pontos estratégicos, como estúdios de gravação e bares da cidade de São Paulo. Investiu-se também na formulação de uma página na internet em um *site* de relacionamento social, que foi o principal veículo de comunicação e acesso ao público-alvo. Após o primeiro contato com os participantes por telefone, as entrevistas foram realizadas individual e presencialmente, após assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. Foram realizadas quatro entrevistas, com três

homens e uma mulher, apresentando perfil sociocultural relativamente similar: idade entre 60 e 63 anos, todos casados e com filhos, residentes da cidade de São Paulo, classe média e classe média alta, graduados e caracterizados como profissionais liberais – engenheiro, advogada – e na maioria dos casos, ainda em atividade profissional. Com o objetivo de preservar suas identidades, substituímos seus respectivos nomes por: “Janis”, 61 anos, “Ozzy”, 60 anos, “Paul”, 63 anos, “Elvis”, 61 anos.

O roteiro semiestruturado dispunha de uma ficha simples de apresentação de dados pessoais (nome, idade, sexo, estado civil, profissão e se toca algum instrumento), duas perguntas prévias sobre como soube da pesquisa e os motivos que o fizeram participar. O bloco seguinte foi composto por seis perguntas norteadoras pertinentes ao objetivo do trabalho, a exemplo de: 1) Você se considera roqueiro? Por quê? 2) Você se considera uma pessoa idosa?

As entrevistas duraram em torno de 20 minutos e foram posteriormente transcritas e tratadas. O tratamento das entrevistas apontou três categorias de análise pertinentes à temática investigada: “o ser roqueiro”, “a juventude eterna” e “as relações pais e filhos em torno do rock”. O presente artigo restringe-se aos resultados das duas primeiras categorias de análise, as quais foram discutidas à luz de conceitos gerontológicos como a heterogeneidade da velhice e os estereótipos associados à velhice. A seguir, serão apresentados os resultados em duas partes: 1. O ser roqueiro, 2. A eterna juventude.

1. O ser roqueiro

Nossa análise começa com a caracterização do grupo de entrevistados sob o prisma do ser “roqueiro”, abrangendo desde os motivos pelos quais o sujeito considera que se enquadra nessa caracterização (1.1) até suas percepções sobre as questões estereotípicas que o título de “roqueiro” pode alimentar, através de suas próprias observações e/ou dos valores socialmente construídos (1.2).

1.1 Sou roqueiro porque...

Nossa primeira observação se deu na caracterização do personagem imerso no universo do rock de acordo com a autopercepção do entrevistado, ou seja, através da construção de significados diferentes de cada um sobre o rock enquanto movimento, estilo de vida ou gênero musical. Os resultados indicam que o considerar-se “roqueiro” é justificado por razões heterogêneas. Notamos que, por exemplo, o idoso participante pode se considerar roqueiro por simplesmente gostar do estilo musical, como podemos observar no discurso: “Ah, eu gosto muito do som. Claro, eu gosto de outras coisas também... eu gosto de jazz, eu gosto de música clássica. Gosto também de blues (...)” (Elvis).

Mas além do gostar, outros elementos podem ser apontados pelo indivíduo para justificar o fato de se enxergar como um roqueiro. A aparência pode ser um elemento relevante⁴: um dos entrevistados aponta para uma tatuagem, feita durante sua juventude, e outro destaca verbalmente que foi dar a entrevista propositadamente vestindo uma camiseta dos Beatles. Outro elemento frequente nas justificativas dos entrevistados é a ideia de socialização em torno do rock, como podemos observar na fala de ‘Janis’. Quando perguntamos a ela sobre o fato de se considerar roqueira, ela nos diz: “olha, eu posso te dizer que eu me considero... Fui no show do Paul McCartney, eu cantei da primeira música até a última. Por que não?”.

Notadamente, esta senhora não se dizia roqueira por vestir determinado tipo de roupa ou tocar em uma banda, mas sim pelo fato de ouvir rock, gostar da música e fazer programas de lazer relacionados a esse universo, como ir ao show do Paul McCartney. Além disso, nessa fala, como em outras, aparece a justificativa do se considerar roqueiro pelo fato de se sentir parte de uma cultura roqueira. A participante diz ser roqueira não somente por ter ido ao show, mas por dominar e compartilhar os códigos e capital cultural do grupo. Em outra fala, o entrevistado demonstra seu conhecimento, citando bandas e recordações sobre uma época passada: “ah, sempre gostei de rock, né? Eu lembro da Jovem Guarda (...) e nossa, lembro quando veio aquela febre dos Beatles. Eu e meus amigos ouvíamos muito é (...) Beatles, Stones, Bob Dylan, Janis Joplin... todos geniais, geniais” (Paul).

Nessa resposta, além do fator “gostar de rock”, do fator “socialização” (com os amigos), do fator “apropriação cultural” (conhecer diversas bandas), desponta o fator “memórias”. Com efeito, além da rede de relacionamentos, o fato de se

⁴ Ver, sobre a importância da aparência para os idosos, neste volume, Plens, J. e Lopes, A.

considerar roqueiro pode estar ligado à ideia do tempo de envolvimento e ao igual sentimento de pertencimento ao rock: “Olha, o rock entrou na minha vida e nunca saiu... eu tô fazendo parte dele, certo?” (Janis). Em ambos os casos até agora citados, há a concepção de o rock ser uma entidade, com certas atribuições humanas, cuja potencia revela-se como fonte de forte fator identitário, presente ao longo do curso da vida.

Estudos sobre a memória, como o de Pollak (1992, pp. 200-212), revelam que embora a memória seja algo relativamente íntimo, próprio da pessoa, “deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. Contudo, o autor também aponta que apesar dessa característica mutável da memória, individual ou coletiva, na maioria das memórias existem pontos relativamente invariantes ou imutáveis, pois: “em certo sentido, determinado número de elementos tornou-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa” (Pollack, *idem*). Isso é o que parece ter ocorrido com a vivência do rock para a entrevistada ‘Janis’, segundo a afirmação acima citada.

Também relacionada à socialização, podemos identificar a justificativa da transmissão: o sujeito também se considera roqueiro por ter influenciado pessoas à sua volta. Quando questionamos o ‘Ozzy’ sobre sua relação com o “ser roqueiro”, ele nos responde: “Ah, sim, me considero o meio em que eu vivo (...) e influenciei as pessoas a minha volta também (...). Hoje em dia, todos os meus filhos gostam de rock também”. Notamos então que, neste caso, o rock se torna não apenas parte da rotina e da rede de relacionamentos do entrevistado, como também aponta um estilo e projeto de vida.

Interessante notar, enfim, que, ao serem perguntados se eram roqueiros, os participantes trouxeram razões positivas, não mencionando os estereótipos negativos frequentemente relacionados ao ser roqueiro. Entretanto, estereótipos negativos associados à figura-roqueiro acabaram aparecendo em outros momentos das entrevistas.

1.2 Estereótipos negativos acerca do roqueiro

A segunda categoria de análise sobre o “ser roqueiro” compreende os estereótipos negativos atribuídos ao roqueiro, na visão dos participantes. Nossa abordagem aqui se apoia em dois parâmetros: a valorização pessoal do indivíduo sobre sua imagem e a construção simbólica do estereótipo visual do roqueiro, seja este jovem ou idoso. Embora a questão da aparência não tenha sido explorada diretamente nas perguntas formuladas, foi um ponto que surgiu espontaneamente nas respostas. Especificamente, mais de um entrevistado evocou o preconceito que existe (ou existia) em torno das tatuagens. Ao perguntarmos se as pessoas possuíam algum tipo de preconceito com o fato de serem roqueiros idosos, obtivemos: “Ah não. Até porque no meio em que eu vivo todo mundo gosta de rock, o meu filho tem banda, a gente ouve junto. Acho que se eu fosse um tipo todo exótico, sei lá (...) tatuado (...) talvez. Mas hoje em dias as coisas mudaram, as cabeças estão mais abertas. Preconceito com o rock não (...) Nem como o roqueiro.” (Ozzy). O participante diz não existirem preconceitos, mas ao mesmo tempo limita a sua resposta “ao meio em que vive”, onde “todos gostam de rock”. Será que em outros meios ele não vivenciaria algum tipo de preconceito?

Contudo, percebemos também que a imagem do roqueiro pode (ou pôde) estar vinculada também às drogas, à vagabundagem ou à farra juvenil: “Preconceito não (...) é uma palavra traiçoeira. Meus pais tinham um pouco sim. Mas isso quando eu era jovem, né? Achava que era um bando de maluco, drogado, que ficava na noite aí (...) e não era bem assim. A gente tinha as nossas loucuras, mas é tudo molecagem mesmo (...) foi uma fase, só.” (Paul). A partir deste discurso levantamos a seguinte questão: Será que o perfil de “roqueiro” acompanha e se adapta à fase etária ou se congela como estilo de vida, independentemente da idade do sujeito? O rock tem idade? O entrevistado ‘Elvis’, por exemplo, sempre remete o estilo de vida de roqueiro à sua juventude; entretanto, embora hoje ele não viva em consonância com suas atitudes da mocidade, não deixa de se considerar um roqueiro. Ele ainda nos conta sobre como o fato dele ser roqueiro na época da sua juventude era encarado pelos “mais velhos”: “Eu lembro que, na minha época, a gente era visto como vagabundo, né? E nem éramos, viu? A gente trabalhava, estudava (...), mas é que farreava, também. Eu lembro quando eu fiz essa tatuagem, né? Minha vizinha naquela época ficou horrorizada (...) achava que eu era endiabrado, sabe?” A repetição do conceito “naquela época” nos chama atenção por não representar apenas um tempo passado,

mas sim um tempo passado em que as coisas eram vistas de maneira diferente, onde fazer uma tatuagem, por exemplo, era bastante desviante, para os padrões sociais daquele tempo específico, mas que não necessariamente representaria um choque moral no tempo presente.

Por seu turno, ‘Paul’ chega a afirmar que, durante à sua juventude, o preconceito contra o roqueiro “vinha dos mais velhos com os mais jovens”, até por que “foi um momento em que o jovem ganhou muito espaço, o rock tava em toda a parte (...) e tinha gente que não entendia isso, não aceitava isso”. Talvez seja pelo fato desses primeiros roqueiros terem constituído uma geração que quebrava padrões, que os mesmos fossem alvo de preconceito das gerações mais velhas, como dito por ‘Paul’⁵.

Nenhum dos sujeitos entrevistados disse vivenciar algum tipo de preconceito por ser um roqueiro mais velho. A idade em si não seria um fator impeditivo ou de estranhamento para alguém ser roqueiro, em todo caso, um roqueiro no sentido de um apreciador e conhecedor de rock. A importância do exercício do estilo de vida roqueiro passa a ser relativizada, passando a prevalecer o gosto musical. Neste ponto, revisamos as hipóteses que tínhamos antes de ir a campo, pois surpreendeu-nos os participantes não sentirem nenhum preconceito pelo fato de serem idosos que ainda se consideram “roqueiros”. Contudo, isso talvez ocorra por se tratar de pessoas para as quais o rock esteja associado ao lazer, e não como meio de trabalho, ou pelo fato de esses roqueiros não carregarem as marcas típicas de aparências de roqueiros. Talvez isso também possa ser verificado na amostragem investigada pelo fato de todos terem constituído família (que, aliás, foi muito citada por todos os participantes) e de terem transmitido o gosto pelo rock aos seus filhos. Contudo, os relatos nos levam a outra indagação: será que hoje as cabeças estão realmente mais abertas, ou simplesmente, a ideia de ser “roqueiro”, nos tempos atuais, se afastou consideravelmente da assunção de posturas transgressivas, que de alguma maneira caracterizavam o rock em suas origens.

Em síntese, na opinião dos entrevistados, ser roqueiro não significa necessariamente exercer as características inerentes aos rótulos negativos como o da adição às drogas ou o da vagabundagem. Apenas um dos participantes levantou um

⁵ Interessante apontar que, na visão de Giddens (1992, como citado em Debert, 1997), a quebra dos padrões sociais em sintonia com uma sociedade mais democrática e livre de estereótipos é típica dos *baby-boomers*.

fator que possivelmente poderia gerar algum preconceito contra o idoso roqueiro: a aparência, caso ele fosse um “tipo exótico”, por exemplo, “tatuado”.

2. A eterna juventude

Essa segunda parte da discussão aborda a autopercepção de cada indivíduo entrevistado sobre o suposto desejo de juventude eterna que poderia manifestar. Num primeiro momento, trataremos das visões negativas que se associam à velhice em nossas sociedades ocidentais contemporâneas, pois as mesmas podem ser determinantes para a vontade de permanecer jovem (2.1). Em segundo lugar - partindo da hipótese de que o desejo de eterna juventude seria um dos componentes associados à cultura roqueira, pelo menos em suas origens – refletiremos sobre as manifestações dos entrevistados, quando perguntados se tinham esse desejo (2.2). Enfim, exporemos as visões dos participantes acerca de sua própria velhice (2.3).

2.1 As visões negativas acerca da velhice: manifestações em ícones do rock brasileiro

[...] a do velho louco que caduca e delira e de quem as crianças zombam. De qualquer maneira, por sua virtude ou por sua objeção, os velhos situam-se fora da humanidade. Pode-se, portanto, tratá-los sem escrúpulos, recusar-lhes o mínimo julgado necessário para levar uma vida de homem (Beauvoir, 1990, p.10).

A emergência de uma visão negativa sobre a velhice e, conseqüentemente, sobre os estereótipos negativos em torno dos idosos em sociedades como a brasileira, decorre de uma construção sociocultural. Assim como aponta Debert (1999), se na década de 1960 a velhice era definida como um momento de perda de papéis sociais, hoje ocorre um processo de valorização da juventude “que é associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico” (Debert, 2008). Martins e Rodrigues (2004) apontam que, socialmente, e no caso dos idosos, o peso dos estereótipos negativos “projeta sobre a velhice uma representação social

gerontofóbica e contribui para a imagem que estes têm de si próprios” (*idem*, 250). Sendo assim, mesmo que a pessoa aceite a condição de velhice, não podemos descartar que ela experimente preconceitos e discriminação.

Não é atípico, nem recente, o fato de nos depararmos com relatos negativos sobre a chegada da velhice. Mesmo antes de Platão, “o pensamento filosófico dado à velhice apresentava a propensão para ser predominantemente pessimista, na medida em que a observação dos seus efeitos negativos não era acompanhada pela exortação em viver esse período da melhor forma possível” (Powell, 1988, como citado em Laranjeira, 2010, p.764).⁶

Hareven (1995, como citado *idem, ibidem*, p. 765)⁷ demonstra que, a partir do final do século XIX, o envelhecimento começou a ser formalizado como um período de declínio. De fato, nesse período, surgiram diversos estudos que procuram determinar a relação entre envelhecimento e eficiência, os quais conduziram a comparações negativas entre juventude e velhice. O século XX, em especial a partir de sua segunda metade, veio supervalorizar a juventude, transformada em objeto de desejo de consumo. O crescimento do número de jovens nos EUA e sua exposição ao mercado de consumo, ao cenário político e às novas manifestações sociais atraíram os olhares do Ocidente para a nova revolução de costumes e tradições juvenis conhecidas até então. A juventude agora se tornava não apenas sinônimo de sucesso e objeto de ostentação, como também podia ser comercializada. Vendida em prateleiras cosméticas, propagandas de automóveis, roupas de marca, discos, refrigerantes etc., o “ser jovem” virou estilo de vida, enquanto o “ser velho” manteve-se relacionado ao quadro negativo de perdas e obsolescência.⁸ Paulatinamente, essa etapa da vida se prolongou e ganhou destaque, com jovens que demoram para entrar na vida adulta e adultos e velhos com o desejo de rejuvenescer.

O culto à eterna juventude tão eloquente nos veículos midiáticos e tão fácil de se ouvir reproduzido nas diversas camadas sociais, impõe-se não apenas pelo elogio

⁶Powell, J.G.F. (1988). *Cicero Cato Maior de Senectute*. Cambridge: University Press, (Cambridge Classical Texts and Commentaries, 28), como citado em Laranjeira, C. (2010, out.-dez.). ‘Velhos são Trapos’: do positivismo clássico à nova era. São Paulo (SP): *Saúde Soc.*, 19(4).

⁷Hareven, T. (2010). Changing images of aging and the social construction of the life course. Como citado em: Laranjeira, C. (2010, out.-dez.). “Velhos são Trapos”: do positivismo clássico à nova era. São Paulo (SP): *Saúde Soc.*, 19(4), 765.

⁸“Clínicas e academias com tratamento de rejuvenescimento, dietas, medicamentos, cosméticos, cirurgias plásticas, livros de autoajuda e toda sorte de artifícios e estratégias que prometem, não só adiar o envelhecimento, como também a eternização da juventude. A subjetividade produzida nessa representação onde só é velho quem quer, tem o poder de desencadear angústias que podem levar o indivíduo a se culpar por sua velhice” (Rodrigues, L. & Soares, G. (2006, p.10).

do quão maravilhoso é ser jovem, como também pela contraposição desta ideia ao quão horrível e negativo é ser velho. Calabi (1994, p.17, como citado em Debert, 1999, p. 216)⁹, aponta, por exemplo, que os consumidores, principalmente de 50 a 60 anos, “reagem mal aos termos que fazem lembrar que envelheceram [...]; isso denota que eles não gostam de ser tratados como velhos”. Isso demonstra que a publicidade tenta enfatizar os benefícios do produto evitando direcioná-lo especificamente para os velhos, mesmo que estes sejam seu público-alvo. Também Neri & Freire (2000) colocam que “essa imagem negativa do envelhecimento, divulgada pela mídia e por outros meios simbólicos de comunicação pode estar sendo amparada por pesquisas científicas equivocadas, que associavam o envelhecimento somente a perdas.”¹⁰

Num breve levantamento de artigos da mídia eletrônica relacionados à velhice e juventude, utilizando a frase “relação de matérias sobre manter-se jovem”, podemos ver de imediato um acervo de sites e revistas que propõem em suas abordagens assuntos como: “13 segredos para manter-se sempre jovem¹¹”, “50 maneiras de ficar jovem pra sempre¹²”, “Como manter-se jovem (...) uma boa receita¹³”, entre outros similares, reafirmando que no contexto ocidental contemporâneo o conceito “eternamente jovem” ganha visibilidade e projeta um idealismo utópico de que a juventude pode ser comercializada.

Quanto à evolução da terminologia empregada no discurso gerontológico-acadêmico, interessante lembrar que, na década de 1960, fez-se necessário “criar um novo vocábulo para designar mais respeitosa a representação dos jovens aposentados [...]” surgindo “[...] a terceira idade” (Barros, 1988)¹⁴. Ao abordar esse assunto, Peixoto (1998) lembra que a expressão Terceira Idade surgiu na França a

⁹ Calabi (1994, p.17), como citado em Debert, G.G. (1999). As classificações etárias e a juventude como estilo de vida. In: *A reinvenção da velhice*, 216. São Paulo (SP): Edusp.

¹⁰ Neri, A.L. & Freire, S.A. (2000). Qual é a idade da velhice? In: Neri, A.L. & Freire, S.A. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*, p.108. São Paulo (SP): Papyrus.

¹¹ Cavalheiro, T. (s/d.) 13 segredos para manter-se sempre jovem. *Revista Boa forma*. São Paulo (SP): Editora Abril. Recuperado em 8 abril, 2012, de: <http://boaforma.abril.com.br/comportamento/bem-estar/13-segredos-se-manter-sempre-jovem-614166.shtml>.

¹² Campello, R. (s/d.). 50 maneiras de ficar jovem pra sempre. *Revista Cláudia*. São Paulo (SP): Editora Abril. Recuperado em 8 abril, 2012, de: <http://claudia.abril.com.br/materia/50-maneiras-de-ficar-jovem-para-sempre/?p=especiais/ame-sua-vida>.

¹³ Molina, I. (s/d.). Como manter-se jovem... uma boa receita. Vila Mulher, grupo Terra. Recuperado em 8 abril, 2012, de: <http://vilamulher.terra.com.br/como-manterse-jovem-uma-bona-receitinha--9-2312903-459-pf-izabelmolina.php>.

¹⁴ Neri (2007, p.49) aponta: “Terceira idade é denominação consagrada pelo uso em vários países, desde sua criação por Pierre Vellas, na França, nos anos 1960, e hoje é termo usado para designar a fase inicial da velhice (...) muitas vezes posta a serviço de mascarar realidades indesejáveis; a criatividade brasileira tem cunhado novas denominações para a velhice (...) *maturidade, feliz idade, melhor idade, maior idade.*”

partir de 1962, em virtude da introdução de uma política de integração social da velhice, visando à transformação da imagem das pessoas envelhecidas.

Seguindo essa tendência, surgem outras denominações da velhice, como: “melhor idade”, “idade da loba”, “sênior”. Na tentativa de amenizar o quadro de negativismo da velhice, essas denominações não deixam de criar rótulos e mitos positivados, muitas vezes exaltando que a velhice seria a melhor fase da vida. Para Gusmão (2001, p.129): “a ideologia da velhice busca construir a imagem de um velho mais dinâmico, e afeta homens e mulheres da chamada ‘terceira idade’ - eufemismo usado por esse mercado para tornar a velhice pretensamente mais aceitável”. Mas ainda nos dias de hoje, a associação que se faz entre velhice e perdas, inclusive a morte, é frequente.

Essa ideia de limitações e perdas associadas à velhice se manifesta de modo particularmente incisivo e evidente no rock, que, como demonstrado anteriormente, surge e se afirma como um movimento jovem, num contexto generalizado de uma geração que preferia “morrer antes de ficar velha”¹⁵. Com efeito, algumas letras emblemáticas do rock, como “Talking about my generation”, da banda The Who, demonstram claramente a supervalorização da juventude, em detrimento de uma desvalorização da velhice.

Em materiais jornalísticos, há depoimentos de ícones do rock brasileiro que demonstram dificuldades de lidar com algumas transformações relacionadas ao avanço da idade e uma visão bastante pejorativa da velhice. Em uma entrevista cedida à revista Trip (2009, p.8), Erasmo Carlos confessa sua insatisfação com a chegada da velhice. Ao ser perguntado se lida com sua velhice com humor, o “ex-tremendão”, assim nomeado pela revista, responde:

“Que jeito? Mas, que é terrível, é. O horrível é que, quando você diz isso, as pessoas não deixam você concluir a frase, dizem que o importante é a alegria de viver etc., que convivem muito bem com isso. É mentira [enfático]. É mentira, cara! Você convive com isso porque tem que conviver. Mas, porra, é chato pra caramba!”

¹⁵Nota para o trecho da música ‘Talking about my generation’, da banda The Who, 1965. A canção emblemática reflete o sentimento de aversão à velhice, numa sociedade que de fato deu luz ao conhecido ditado: “Viva intensamente e morra jovem” (Sid Vicious).

*Sacanagem que Deus fez com a gente! O ser humano não merece isso que Deus fez, o negócio de velhice, sabe. É muito chato”.*¹⁶

Também Rita Lee já pôde manifestar publicamente, em entrevista, um discurso sobre perdas e transformações negativas associadas à velhice. Ao ser questionada se estaria numa fase “reclamona”, com composições como “Tão”, “Se manca” e “Insônia”, em que haveria algo de reclamação, de resmungo, a roqueira afirmou:

É coisa de idade. Sabe, velho rabugento? A gente fica reclamão, implicante pra caramba. Reclamo de sair da minha casa. Aí eu falo, ‘putz, vou pegar avião’. Tenho medo, pavor. Quando eu enchia a cara, tudo bem. Mas agora, careta, tenho pânico, não acredito em avião. Acredito em disco voador, já vi, até. No hotel, olho para o travesseiro e falo: ‘Está cheio de ácaro de alguém, de outras pessoas, não os meus’. O barulho da geladeira no hotel...¹⁷

Por outro lado, a roqueira afirma que, quando está num palco, essas limitações ou transformações negativas acabam: “Vou reclamando até pisar no palco. No palco, acaba tudo. É muito louco. Palco é realmente outro planeta” (Rita Lee, 2009).¹⁸ Seria, então, o rock um elixir para espantar os “males” da velhice? Ou talvez esse elixir seja, na verdade, o engajamento profissional? Abre-se essa reflexão para futuras pesquisas, que poderiam se restringir aos roqueiros profissionais que, com efeito, talvez tragam outros pontos de vista acerca das questões aqui investigadas.

2.2 *Juventude eterna: um desejo?*

A presente categoria de análise, fruto do tratamento das entrevistas, vinculou-se a uma premissa interrogativa. Na medida em que se nota em diversas manifestações da cultura roqueira um culto à juventude, como já demonstrado,

¹⁶ Carlos, Erasmo. Disponível em: Erasmo chega à 5ª década de carreira com a solidez de quem digeriu seus próprios demônios. *Revista Trip*, 177, 2009, p.8. (2009).

¹⁷ Rita Lee dá entrevista ao vivo pela primeira vez em 12 anos e fala sobre sexo, drogas e rock. Recorte de jornal: *O Globo*, 22/05/2009.

¹⁸ Rita Lee dá entrevista ao vivo pela primeira vez em 12 anos e fala sobre sexo, drogas e rock. *O Globo*, 22/05/2009.

procuramos saber se os entrevistados haviam vivenciado ou vivenciam um desejo de eterna juventude. É comum que a busca pela juventude eterna provoque naqueles que a perseguem muitas angústias, por não aceitarem a realidade do envelhecimento, e associarem a velhice ao pessimismo e a um quadro absoluto e apenas de perdas (Almeida, 2007, pp.101-113). No entanto, a Gerontologia entende que o envelhecimento não significa um processo exclusivo de decadência, e sim uma sequência da vida, um processo biopsicossocial constante e dinâmico, com perdas e ganhos. A teoria “lifespan” de Baltes (1979-2004, como citado em Neri, 2006) nos indica que o desenvolvimento ao longo de toda a vida é transacional, dinâmico e contextualista, de modo que este se dá por meio de “influências genético-biológicas e socioculturais, de natureza normativa e não-normativa, marcado por ganhos e perdas concorrentes e por interatividade entre o indivíduo e a cultura” (Baltes & Smith, 2004, como citado em Neri, 2006).

Por serem marcados pela heterogeneidade, a velhice e o próprio desejo de juventude eterna, como veremos nos relatos, merecem um estudo que, embora busque comparações coletivas, esteja atento à individualidade de cada pessoa. Nas palavras de Almeida (2009, p.5): “é importante destacar que a velhice não é um processo único, mas a soma de vários outros, distintos, entre si. Portanto, uma outra possível explicação para tal dificuldade em se categorizar a velhice consiste no fato de que ela não é um estado, mas um constante e sempre inacabado processo de subjetivação. Portanto, pode-se dizer que na maior parte do tempo não existe um ‘ser velho’, mas um ‘ser envelhecendo’”.

Se a velhice é heterogênea^{19,20}, podemos supor que um desejo de eterna juventude que pode (ou não) estar associado a essa fase da vida também não será manifestado de modo homogêneo, nem motivado pelas mesmas razões. Como podemos avaliar pelas respostas abaixo transcritas, predomina o fato de que os participantes entrevistados não pensavam em juventude eterna, quando eram jovens.

¹⁹“Como a heterogeneidade diz respeito às experiências individuais que são únicas e construídas durante todo o ciclo vital, é forçoso admitir que ela se acentua, à medida que as pessoas envelhecem. Em outras palavras, ao contrário do que muitos pensam, os velhos não só não são todos iguais, como também tendem a ser muito diferentes entre si” (Goldstein, L. & Siqueira, M.E.C., 2000, p.113).

²⁰ Debert (1999, pp.41 e 63) aponta que a produção acadêmica moderna busca desconstruir a experiência da velhice como um quadro homogêneo por justamente entender que a velhice e o processo de envelhecimento partem de experiências e acontecimentos heterogêneos no campo biopsicossocial de cada um. A autora afirma que seu objetivo é precisamente “mostrar a diversidade de estilos de vida criados e que não podem ser agrupados em função da classe social ou do tipo de unidade doméstica em que estão inseridos” (*idem*, 63). Discute também que o reconhecimento da individualidade se contrapõe à imagem “do idoso em crise que a sociologia alimenta e que está presente nas políticas sociais de saúde”.

Mas também podemos observar que, embora na juventude eles não pensassem nisso, agora, na velhice, eles demonstram vontade de voltar no tempo ou ter vivido um pouco mais essa fase da vida.

Quando perguntamos à ‘Ozzy’ se na sua juventude ele possuía o desejo de ser eternamente jovem, sua resposta é concisa e clara: “Não. Não pensava nisso, não.” ‘Janis’, por sua vez, ao mesmo tempo em que nega o desejo de juventude eterna, menciona que gostaria de ter vivido mais essa fase da vida: “da mesma forma que a gente foi amadurecendo, o comportamento também, sabe? A vida (...) a vida parece que acompanhou o amadurecimento daquela fase (...): Olha, eu acho que eu queria ter vivido mais, ter sentido mais (...) porque tudo o que eu vivi na minha juventude, na minha adolescência, foi lindo.”

Mesmo com a consciência da velhice presente, o desejo de eterna juventude ou a nostalgia dos tempos de outrora podem ressurgir com a vontade de fazer tudo de novo: “não (...) na mocidade a gente nem pensa nessas coisas. É só quando chega a idade mesmo, aí dá vontade de voltar no tempo (...) fazer tudo de novo! (risos) (...) Eu fiz tudo que queria fazer, eu acho. Ou quase isso, mas bom é pensar em repetir as coisas com o mesmo fôlego de antes (...) sem dor nas pernas, nas costas...” (Elvis, 61 anos).

A negação do desejo de eterna juventude vem, contudo, vinculada a um conformismo com a velhice, ou à valorização da aprendizagem que os anos proporcionaram, com experiências insubstituíveis e com a ideia de maturidade muito esclarecida para essas pessoas. Gusmão (2001, p.126) revela que, no mundo moderno: “atingir a idade madura, a maturidade, significa ter adquirido uma bagagem, um equipamento (...) consiste em ter adquirido um estado completo de desenvolvimento”.

Esse dilema inerente às questões da maturidade aparece frequentemente nas repostas dos entrevistados. Ao perguntamos se hoje o entrevistado gostaria de não ter chegado à velhice, o mesmo responde: “Mas que jeito, né? A gente sobrevive (...) quem não morre jovem, envelhece, certo?” (Elvis). Por sua vez, ‘Ozzy’ e ‘Paul’ nos trazem o envolvimento com o ganho de experiência e maturidade: “Ah, não tem isso, não. A gente aprende muito com a idade, eu tô contente com a minha idade.” (Ozzy); “não (...) gostaria, sim. A idade ensina a gente coisas muito (...) muito especiais. Vem a experiência, como eu te disse (...) é a hora dos meus filhos agora, meu tempo foi. Por mais que eu me veja bem, com o espírito jovem... eu sei das minhas

responsabilidades, eu sei das minhas, dos meus limites. Mas tem que crescer! Tem que evoluir... o tempo é muito sabido, sabe de tudo” (Paul).

Para Debert (1997), o discurso empenhado em rever os estereótipos negativos da velhice pode promover uma transformação em que “o envelhecimento deixa de ser um processo contínuo de perdas; as experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que propiciariam aos mais velhos oportunidades de explorar novas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas da vida, estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos”.²¹

Nas entrevistas realizadas, entre as memórias da juventude e a consciência de que os anos se passaram, manifesta-se um misto de nostalgia e de satisfação pelos ganhos de experiência proporcionados ao longo da vida, sempre tendo como cenário e horizonte o pertencimento ao rock.

“A juventude está no espírito”

Se, por um lado, de um modo geral, os entrevistados relatam uma negação de um desejo de eterna juventude, por outro lado, não se consideram, em sua maioria, uma pessoa idosa, o que pode parecer paradoxal. A principal justificativa identificada nos relatos para essa aparente contradição é que a maioria dos entrevistados estabelece uma separação entre o físico e o espiritual: esses participantes reconhecem-se velhos na idade, na aparência física, ou ainda no modo de vida, mas jovens no espírito.

Ao serem perguntados se se consideravam pessoas idosas, três dos entrevistados responderam que “não”. Valorizando a sua experiência adquirida ao longo da vida, a resposta de ‘Janis’ foi: “Não! Pode ser que meu físico envelheceu, mas (...) não. Nesses anos todos eu me sinto com uma bagagem, sabe? Muito grande.” Já ‘Ozzy’ utiliza-se do rock como um estilo de vida que, em suas palavras, “rejuvenesce”, ou seja, neste caso, o rock também funciona como um antídoto antienvelhecimento: “Olha, não. Assim, olhando pela idade, sim (...) a gente envelhece, mas o espírito é jovem, eu continuo jovem. O rock rejuvenesce também”.

²¹ Debert, G.G. (1997). A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. (*). Recuperado em 9 abril, 2012, de: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs3403.

Importante destacar que todos os idosos entrevistados são “idosos jovens”, pessoas que acabaram de chegar nesta etapa da vida e que, talvez, por essa razão, mal tenham se dado conta da velhice: “Jamais! Eu sou menino! (risos) Eu (...) lógico, tenho as minhas limitações físicas, tenho minha experiência, família (...) mas velho não! Eu, assim, acho que tudo nessa vida tem hora pra acontecer, mas a gente que decide deixar de ser jovem, a gente que envelhece, para de ver as coisas maravilhosas do mundo” (Paul). A proposta de espírito jovem e a velhice parecem ser uma questão de opção e atitude pessoal.

Sobre esta fala e reflexão, cabe apontar a discussão levantada por Debert (2004, p. 26) sobre o conceito de *reprivatização da velhice*, em que a “reinvenção do envelhecimento” no final do século XX assiste ao compromisso social de se envelhecer positivamente, com base na premissa de que só fica velho quem quer, ou quem se comporta como velho. Dados levantados com base nas pesquisas da autora revelam, por exemplo, que mulheres com mais de 70 anos não se consideravam velhas, sendo que “a velhice era vista como um problema dos outros que se comportavam como velhos, mesmo que com menos idade”.²² Kaufman (1996, como citada em Debert, 2004, *ibidem*), em uma pesquisa qualitativa, concluiu que a idade cronológica não era um marcador importante na vida das pessoas entrevistadas, e que suas falas pareciam indicar resistência a um conjunto de estereótipos com os quais a velhice é tratada. A fala do participante ‘Paul’, acima transcrita, se encaixa nessa tendência. Para o entrevistado, a velhice não está necessariamente vinculada à idade cronológica, e sim à decisão de ser velho e comportar-se, em uma esfera negativa, como tal: “deixando de ver as coisas maravilhosas do mundo”. O gosto pelo rock parece ser um indício dessa escolha de continuar jovem no espírito, assim como para ‘Ozzy’, na fala citada acima, o rock também parece servir como “antídoto” rejuvenescedor.

Das quatro entrevistas realizadas, apenas um indivíduo consentiu com a ideia de se considerar idoso. Justificou seu posicionamento primeiramente com base em um elemento de ordem cultural discursiva, extraído da própria linguagem empregada pela entrevistadora: “Começa pelo ‘senhor’, né? Me chamou de senhor e quer que eu me sinta jovem?” (Elvis). Entendemos aqui que a percepção de si se configura na relação

²²Debert, G. (2004). *A reinvenção da velhice: Socialização e os processos de reprivatização do Envelhecimento*, p.26. São Paulo (SP): Edusp.

com o outro, e que chamá-lo de “senhor” atravessa sua concepção identitária, fazendo com que ele se enxergue e seja identificado como velho, o que, aparentemente, o desagrada. Posteriormente, explicando sua opinião, enfocou, num primeiro momento, aspectos de ordem fisiológica, deixando claro que existe uma partilha do indivíduo entre o físico e a mente/espírito: “(...) me sinto idoso, sim, o corpo fragiliza, né (...) a perna já dói, as costas... já tenho que usar esses óculos aqui! Até uns (...) uns 5 anos atrás, eu não usava óculos, a vista começa a pesar (...) fica mais difícil de ler. Então, o corpo tá ficando velho sim” (Elvis). Neste discurso fica evidente uma compreensão quanto à velhice resumida apenas às manifestações físicas de perdas.

Convidado a se manifestar sobre a questão do espírito, o mesmo participante que disse se sentir velho, relatou, então, diferentemente dos outros participantes da pesquisa, que seu espírito também não era mais o mesmo, e manifestou expressamente o desejo de ainda ser jovem: “O espírito? Bem (...) eu queria ser jovem ainda, assim (...) minha cabeça já pensa diferente de 20 anos atrás (...) e a cabeça de 20 anos atrás pensa diferente da cabeça de 40 anos atrás. Então, eu aprendi muito nessa vida, e dou muito valor a isso (...) mas a gente muda, o espírito muda também”. (Elvis). Aliás, com relação à pergunta sobre o desejo de eterna juventude, esse mesmo senhor apresentou, como relatado anteriormente, uma opinião destoante dos outros participantes da pesquisa, mencionando a vontade de voltar no tempo para viver novamente a juventude com a mesma disposição. Não obstante, assim como os outros, ele valoriza sua bagagem, o aprendizado que veio com o decorrer dos anos.

Assim, de um modo geral, percebe-se que a maioria dos entrevistados aponta uma relação positiva com a chegada da velhice quando a mesma vem associada à ideia de “espírito jovem”. Por outro lado, os relatos sobre a decadência corporal e as limitações físicas revelam que a velhice biológica, por vezes, vem associada somente a um quadro de perdas. Portanto, se os discursos apresentam caráter contraditório (não queriam ter evitado a velhice, mas também não se consideram velhos), isso se justifica pela compreensão dissonante da velhice, escudo de proteção e sobrevivência social e subjetiva muitas vezes contra a pobre e escassa oferta simbólica e identitária em torno da velhice que reina na atualidade e se reproduz nas falas dos entrevistados.

Considerações finais

A velhice, em um contexto de construção sociocultural que a associa fortemente e, muitas vezes, exclusivamente com imagens negativas, pode ser assumida juntamente com o argumento do “espírito jovem”, e se isso acontece, é porque o “espírito velho” não parece atraente simbolicamente e carrega o peso de termos correlatos como: inválido, rabugento, incapaz, frágil, e que “para de ver as coisas maravilhosas do mundo”. Assim, os participantes desta pesquisa que se consideram roqueiros negam a existência de uma “busca da eterna juventude”, mas também não se consideram velhos, provavelmente porque o “velho” ainda está assimilado ao quadro de perdas. Percebe-se que eles se localizam em uma fase da vida que ainda busca organizar-se em aspectos considerados positivos das fases anteriores, mas que nega a seguinte por compreendê-la como decadente.

Apesar de nascer como um movimento de e para jovens, o rock é hoje menos vinculado a esse critério, posto que é vivenciado por pessoas de todas as idades. Talvez o vivenciar do rock de um jovem não seja o mesmo de uma pessoa mais velha; parece haver muitas facetas de se encarar e viver o rock. Aliás, os participantes não apresentam uma visão absolutamente homogênea sobre essas relações, já que, além de idosos e roqueiros de São Paulo, são seres humanos, com suas trajetórias únicas e visões peculiares.

Algumas tendências comuns merecem, contudo, ser apontadas. A primeira é a de que o rock compõe uma categoria identitária presente ao longo de suas vidas, exercendo alguma influência sobre suas percepções de velhice, juventude, família e outras construções de si.

Outra tendência a ser destacada é a de que o rock experimentado na juventude é diferente do rock experimentado nos dias de hoje, e os entrevistados parecem compreender que isso só é possível por conta de suas vivências individuais e coletivas ao longo do ciclo vital, pelo estabelecimento de diferentes tipos de relações e pelo ganho de maturidade.

Todos os nossos entrevistados, apesar de suas experiências tão diferentes ao longo da vida, constituíram família, são casados, e, como pudemos observar, as relações familiares interferem muito na mudança de hábitos dessas pessoas. Perguntamos: e se não fossem casados, e não tivessem filhos, será que levariam um

estilo de vida roqueiro diferenciado? E se, ao invés de engenheiros e advogados, fossem músicos profissionais e estivessem ativos no meio profissional do rock, será que haveria um desejo de eterna juventude mais contundente? Ou ainda, daqui há 10 anos, quanto essa percepção poderá ter mudado, em decorrência de novas circunstâncias e do avançar da idade?

Sendo tão metamorfósicas e heterogêneas as relações entre rock, juventude e velhice, nos restam novos questionamentos, que traduzem a riqueza dessa temática.

Referências

- Almeida, T. (2009, maio/ago.). *Reflexões: conceitos, estereótipos e mitos acerca da velhice*. Passo Fundo (RS): *RBCEH*, 6(2), p.5.
- Beauvoir, S. de. (1990). *A velhice*, p.10. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira.
- Brandão, A.C. & Duarte, M.F. (1995). *Movimentos Culturais de Juventude*. (14^a ed.). São Paulo (SP): Moderna.
- Calabi. (1994, p.17), como citado em Debert, G.G. (1999). As classificações etárias e a juventude como estilo de vida. *In: A reinvenção da velhice*, p.216. São Paulo (SP): Edusp.
- Chacon, P. (1983). *O que é o rock*. (3^a ed.). São Paulo (SP): Brasiliense.
- Debert, G.G. (1997). A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. Recuperado em 9 abril, 2012, de: http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_34/rbcs3403.
- Debert, G.G. (1999). A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. *In: Neri, A.L. & Debert, G.G. (Orgs.). Velhice e Sociedade*, pp.41 e 63. São Paulo (SP) /Campinas (SP): Papirus.
- Debert, G.G. (2004). *A reinvenção da velhice: Socialização e os processos de reprivatização do Envelhecimento*, p.26. São Paulo (SP): Edusp.
- Debert, G.G. (2008). *Envelhecimento e curso de vida*. Recuperado em 22 abril, 2012, de: http://scholar.google.com.br/scholar?q=envelhecimento+e+curso+de+vida&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5.
- Goldstein, L. & Siqueira, M.E.C. (2000). Heterogeneidade e diversidade nas experiências de velhice. *In: Neri, A.L. E por falar em boa velhice*, p.113. Campinas (SP): Papirus.
- Gusmão, N.M.M. (2001). A maturidade e a velhice: um olhar antropológico. *In: Neri, A.L. (Org.). Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas*, p.129. Campinas (SP): Papirus.

- Laranjeira, C. (2010). “Velhos são Trapos”: do positivismo clássico à nova era, p.765. In: São Paulo (SP): *Saúde Soc*, 19(4).
- Martins, R.M.R. (2004). *Esteretótipos sobre idosos: uma representação social gerontofóbica*. São Paulo (SP): *Revista Educação, Ciência e Tecnologia*.
- Neri, A.L. & Freire, S.A. (2000). Qual é a idade da velhice? In: Neri A.L. & Freire, S.A. (Orgs.). *E por falar em boa velhice*, p.108. São Paulo (SP): Papyrus, 2000.
- Neri, A.L. (2007). Feminização da velhice. In: *Idosos no Brasil: Vivências, desafios e expectativas na terceira idade*, p. 49. São Paulo (SP): Editora SESCSP.
- Neri, A.L. (2006, jun.). O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. Ribeirão Preto (SP): *Temas psicol.*, 14(1).
- Peixoto, C. (1998). Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: Barros, M.M.L.de. (Org.). *Velhice ou terceira idade?*, 69-84. Rio de Janeiro (RJ): FGV.
- Pollack, M. (1992). Memória e identidade social. Rio de Janeiro (RJ): *Estudos históricos*, 5(10). (Conferência transcrita e traduzida por Monique Augras. Edição de Dora Rocha). (mimeo).
- Ramos, E. (2009). Anos 60 e 70: Brasil, juventude e rock. Vitória (ES): *Revista Ágora*, 10.
- Rodrigues, L. & Soares, G. (2006). Velho, Idoso e Terceira Idade na Sociedade Contemporânea. Vitória (ES): *Revista Ágora*, 4, 1-29.

Recebido em 01/12/2013

Aceito em 12/12/2013

Mariana Piccoli – Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).

Andrea Lopes - Antropóloga, docente do curso de Graduação em Gerontologia EACH-USP e coordenadora do grupo de pesquisa Envelhecimento, Aparência, Imagens e Significados (EAPIS), São Paulo (SP), Brasil.

E-mail: andrealopes@usp.br

José Renato Campos Araújo – Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).

Bibiana Graeff - Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).

E-mail: bibianagraeff@yahoo.com.br